

A GUERRA SILENCIOSA DOS TRANSPORTADORES

★No aeroporto de Maputo quando chega um avião, táxis e “chapa cem” envolvem-se numa disputa que só termina (?) com a intervenção da Polícia

por Almiro Santos (texto) e Carlos Bernardo (fotos)

São dezenas de carros estacionados nos diversos parques do Aeroporto Internacional de Maputo. Todos eles disputando o direito de transportar o passageiro que desembarca. As manobras em torno da exclusividade de transportar os passageiros desembarcados para o centro da cidade de Maputo começam muito antes de o avião pousar na pista do aeroporto. Fala-se de acusações de ambos os contendores) de os bagageiros do aeroporto receberem subornos para meter a bagagem do passageiro em determinadas viaturas. Tentando apagar o conflito, a Polícia dos Transportes e Comunicações (PTC) encontra-se entre o «fogo cruzado» da disputa.

Naquele dia, o voo proveniente de Joanesburgo só chegou quase duas horas depois da hora prevista. Fora dos edifícios que compõem o aeroporto, alguns motoristas de táxis conversavam sobre um tema qualquer, fazendo uma algazarra enorme. A maior parte deles tinha as viaturas estacionadas no parque que lhes é destinado e onde se encontra uma placa que diz «TAXI».

Do outro lado do parque, mais para a esquerda, um outro grupo de homens conversa. O entusiasmo não é o mesmo exibido pelos homens dos táxis, mas sempre se conversa e se ri. Alguns estão encostados às viaturas, fumando calmamente. São os chamados «chapa cem» ou «piratas».

Ambos os grupos estão à espera do voo de Joanesburgo, marcado para as 7 horas e 55 minutos desse dia. Não é muito o espaço que os separa. Talvez uns vinte metros, mas há quem diga que o espaço que os separa é muito grande: uns pagam impostos, outros não.

A partir daí, os que pagam impostos (os taxeiros) acham uma verdadeira afronta que os «chapa cem» se apoderem, assim, da sua clientela. Não há direito, pois quem não paga imposto, logicamente não pode estar em condições, em termos de legalidade, de fazer o trabalho de taxeiros.

Por seu turno, os que não pagam impostos reclamam o direito de os deixarem em paz. É que a questão que invocam é esta:



Chegará a vez de os «chapa cem» substituírem o trabalho dos táxis?

acham que foram os primeiros a chegar e a servir os passageiros que desembarcam, diariamente, nos aviões que aterram no Aeroporto Internacional de Maputo.

Aliás, esta questão foi repisada com um peremptório muito antes do PRE, nos viemos para aqui e não encontramos nenhum táxi. Porque é que hoje, acossados pelo PRE, eles se acham no direito de vir correr connosco?

Todos têm as suas próprias razões para se instalarem no parque e nas placas do aeroporto, à espera de passageiros desembarcados que queiram seguir para o centro da cidade de Maputo e não tenham nenhum meio de transporte. Há muito que se impunha a existência de transporte para os passageiros dos aviões. E aí estão os transportadores, mas em disputa.

Quanto isso as acusações sucedem-se. Todos acusam todos de terem subornado bagageiros, malfeitos e até polícias. E que os car-

ros são dispostos de tal modo que apenas alguns têm acesso aos bagageiros que aparecem carregados de malas. É aqui onde entram em conflito dois grupos: os que respondem à Fazenda Nacional e os que agem por conta e risco próprios.

O AVIAO JA CHEGOU!

O voo de Joanesburgo estava a demorar. Pelo menos tinham dito que chegava às 7 horas e 55 minutos. Deambulando pelo aeroporto, depara-se com alguns melhoramentos. Equipas da empresa de Aeroportos de Mocimboa, retocam aqui e ali. Onde outrora estava um grupo disperso de cadeiras, algumas das quais com os estofos rompidos, hoje está algo que se parece com uma cómoda sala de estar. Com grandes candeeiros a ornar o ambiente e a lançar uma luminosidade desmaiada.

Dias há em que o movimento é tanto, que as pessoas atropelam-

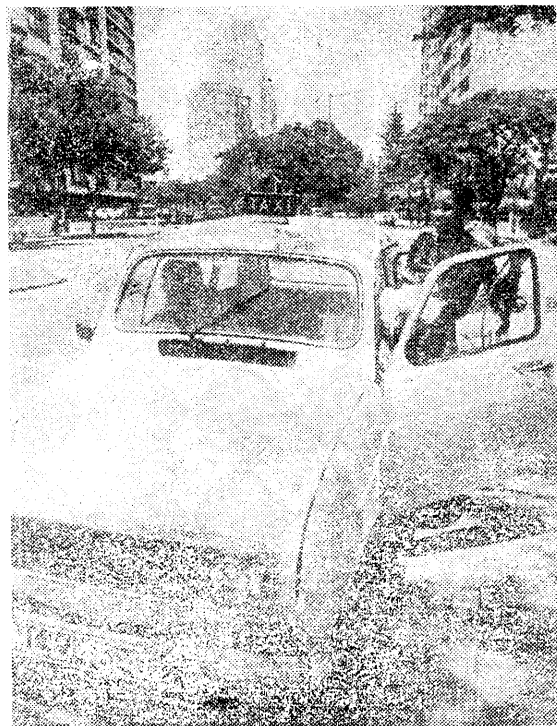
-se no átrio do aeroporto. Aquele, era um desses dias. Para além do voo proveniente de Joanesburgo, pouco depois da hora anunciada

to. Os primeiros táxis aproximam-se e estacionam na placa defronte de uma das saídas. Um dos motoristas, que conduz um táxi vistoso, pintado com as tradicionais cores (amarelo e preto) diz aos que não há confusão entre eles, obedecem a uma ordem estabelecida conforme as chegadas. E também se forma «bicha».

Que o avião já chegou parece que todos sabem, tanto os que pagam impostos como os que não pagam impostos. A julgar pelo modo como se levantaram e olham, agora, para a porta por onde sairão os passageiros desembarcados, a «guerra» vai estalar dentro de momentos.

Os táxis que naquele dia estão no aeroporto são cerca de quinze, incluindo os «Renault», que há alguns anos iniciaram o trabalho, como transportadores legais na cidade de Maputo. Os seus motoristas encontram-se, ao que parece, «em estado de alerta», todos à espera que os passageiros desembarcados cumpram com as formalidades na Migração.

O primeiro passageiro surge, carregado de duas pequenas malas que retira das mãos do bagageiro. É recebido por uma pessoa, já fora do edifício do aeroporto, e conduzido para um automóvel que pertence a uma organização internacional. Ainda não foi desta vez que os táxis e os «chapa cem» vão se confrontar.



Depois do Aeroporto, o passageiro desembarca, finalmente, no centro da cidade

para a sua chegada, devia chegar um voo de Harare.

Enquanto uns consultavam os relógios, outros iam subindo pela escada até ao terraço, para ver pousar o avião pretendido.

Finalmente, o avião proveniente de Joanesburgo aterra na pista do Aeroporto Internacional de Mapu-

Pouco depois, surge um outro passageiro. Está carregado e tem o bagageiro também carregado de embrulhos seus. Dirigem-se, os dois, para uma viatura particular, que pouco depois sai disparado, aparentemente para o centro da cidade.

Enquanto isso, um grupo dos que



A hora da chegada do voo, os «piratas» se encontram numa das placas de estacionamento do Aeroporto. Fala-se de subornos que se pagam aos bagageiros...

não pagam impostos discute com dois policiais da PTC. Eles querem saber quem é o comandante que os impede de transportar pessoas uma vez que os dois agentes da Polícia não deixam que os «chapa cem» transportem passageiros.

A discussão já vai alta e os policiais, calmamente, vão explicando aos exaltados que era uma ordem que cumpriam. E lhes explicado que o trabalho que estão a fazer é ilegal, não devia ser permitido ali uns «barbas» da Polícia.

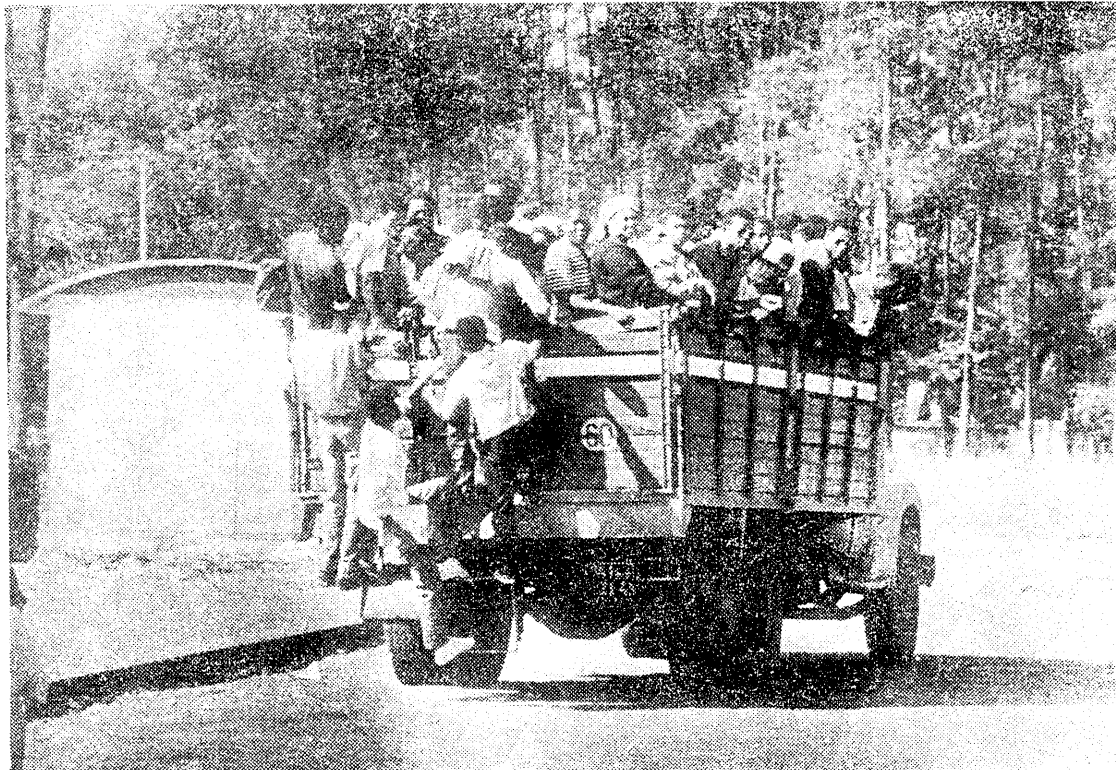
A discussão é interrompida, depois de algumas palavras de desagravo que, entretanto, não produzem qualquer efeito, tanto para os agentes da Polícia, como para o grupo de homens exaltados que reclamam por **deixa-los trabalhar**. Cada um se dirige para a sua viatura.

Pouco depois, sai um outro passageiro, com duas malas, uma sacola e uma caixa. Ao que parece, trata-se de um mineiro que regressa ao país. Fala aquele chonguinho a fugir para o zulu.

Um dos agentes chama-nos. Com o mineiro, está um motorista do «chapa 100». O agente apresenta o problema.

A questão é que o mineiro diz ser familiar de um funcionário das LAM que, por sua vez, é amigo do motorista do «chapa 100», Alfredo Tila. O funcionário do aeroporto pediu ao amigo motorista, para levar o seu parente, mineiro, até ao Bairro de Chamanculo.

E daí que o agente se nega a permitir que o motorista do «chapa



«Chapa cem»: dois riscos a vista. A vida dos passageiros e a existência dos táxis

100», Alfredo Tila, transporte o mineiro para o Chamanculo. Depois, dirigem-se os três (o mineiro, Alfredo Tila e o agente da Polícia dos Transportes e Comunicações) para o interior do aeroporto, a fim de confirmarem a veracidade dos factos.

Pouco depois, voltam a sair com a confirmação do funcionário do aeroporto. Alfredo Tila parte com o mineiro e, mesmo assim, o agente da PTC fica a comentar que **há casos daqueles, em que existe já uma combinação com trabalhadores do aeroporto e os motoristas do «chapa 100»**.

Pai a bordo, Alfredo Tila re-

gressa, na sua viatura, tipo furgoneta. Junta-se aos outros colegas, enquanto vêm os táxis carregarem os passageiros. E que, segundo parece, os dois agentes da PTC em serviço, não desarmam e estão resolvidos a não deixar nenhum dos «chapa 100» fazer o seu trabalhinho.

O movimento desaparece e fica-se à espera do voo de Harare, que chegará dentro de pouco tempo. Nem todos os táxis conseguiram levar passageiros para o centro da cidade e, mesmo os que o fizeram, começam, de novo, a recolher ao parque de estacionamento do aeroporto.

Dentro do edifício do aeroporto um motorista de «chapa 100» chama-nos. Desanimado, vai-nos contando que foram os primeiros a chegar, que não há razões para haver guerras. Finalmente, em jeito de quem desabafa, afirma: **Isto dá para todos!**

Antes de chegar o voo de Harare, chega uma avioneta da TTA, proveniente de Manzini. A maior parte dos passageiros que desembarca é esperada na gare do aeroporto por amigos e familiares. Pra-

ticamente que os táxis e os «chapa 100» não são obrigados a intervir.

Depois, chega, finalmente, o voo de Harare. A guerra entre os transportadores (legais e ilegais) ainda se mantém silenciosa. Pelo menos ainda não passou de discussões acaloradas entre os motoristas de taxi e os motoristas dos «chapa 100». De vez em quando, os agentes da PTC são obrigados a dar as suas explicações e a refrear os ânimos dos mais exaltados.

Táxi, táxi, táxi!

O Presidente da Associação dos Taxeiros da Cidade de Maputo é mais conhecido por Filomene. Também ele tem as suas próprias ideias acerca do problema, uma vez que, como motorista de táxi, também trabalha no aeroporto, transportando passageiros para o centro da cidade.

— Eles dizem que nós cobramos quatro contos? Olha quem o diz! Eles (os «chapa 100») até cobram em divisas. Cobram em dólares. Não têm ética moral. Muitos daqueles compraram carros com as divisas que conseguiram fazer aqui, neste trabalho do aeroporto — diz ele, porá, depois, acrescentar:

— Há dois turnos da Polícia. Se conseguimos trabalhar quando está a equipa de hoje. Com os outros, é difícil porque nem ligam, deixam os «chapa 100» trabalharem à vontade. Nós não subornamos ninguém. Nem policiais nem bagageiros. Aliás, essa é uma política praticada por eles próprios. Eles con-

seguiram formar uma rede dentro do próprio aeroporto.

Estas são as acusações dos motoristas de táxi, em resposta às declarações dos «chapa 100». Reunidos junto dos carros, esperam pela chegada do voo de Harare. Os táxis são de várias marcas, sendo os mais recentes, os «Renault».

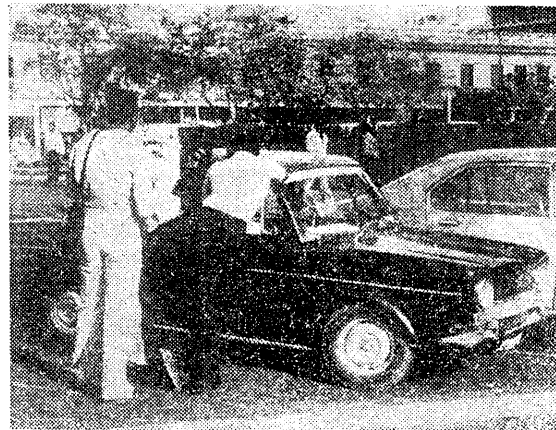
A grande diferença entre os dois grupos (reconhecida) é que alguns pagam impostos (pesados, segundo confidenciaram os próprios motoristas de táxi) e os outros não respondem à Fazenda Nacional. São «piratas».

Assim, momentos antes de aterrar um avião na pista do Aeroporto Internacional de Maputo, táxis e «chapa 100» procuram os parques de estacionamento que lhes são reservados. Aliás, quem não cumpre com o que dizem as placas, está sujeito a multas que os dois agentes da PTC se encarregam de aplicar.

Dias há, em que os táxis nem um passageiro levam, segundo os próprios agentes da PTC. E de facto, uma situação que se tem de combater, segundo os mesmos agentes, uma vez que os taxeiros pagam impostos e os outros não.

Enquanto isso, a guerra silenciosa ainda se desenrola e é o próprio Presidente da Associação dos Taxeiros que conta que já lhe disseram (os do «chapa 100») que **jamaiz saíram dali**.

É difícil dizer se vai ser retomado o velho hábito de chamar táxi, táxi, táxi ou se, pelo contrário, os passageiros do aeroporto vão ser obrigados a chamar **chapa 100, chapa 100, chapa 100!**...



Uma outra «guerra» no Mercado Central. Os «piratas» disputam a hegemonia do «mercado»...

Será mesmo «chapa 100»?

Tratando por Filomene, parecia ser o líder do grupo dos «chapa 100». Pelo menos participava em todas as sessões, com os agentes da Polícia.

— Onde é que estavam eles? — perguntava, enquanto apontava com o dedo os motoristas de táxis, do outro lado do parque. Parecia furioso, pois, tinha a barba encardida e não ficava quieto, enquanto falava.

— Sim, onde estavam eles, quando nós começamos com o negócio? Agora aparecem aqui e querem tirar-nos. Querem enxotar-nos daqui. A verdade é que daí não saímos. Queremos falar com o comandante deles (dos agentes da Polícia) para nos dizer onde é que ele viu essa lei.

Todos os restantes do grupo fazem coro: é verdade, a lei diz que quando eles nos apanham a fazer

«chapa 100», devem multar-nos. Eles não têm nada que nos proíba de fazer «chapa 100». Overemos falar com o comandante!

Nós não fazemos nada para que os clientes nos prefiram. Basta ver os preços que eles praticam. Vão até quatro contos (os táxis) e nós, quando muito, só vamos até aos quinhentos meticais. Se eles querem que nós saíamos daqui, que reduzam as tarifas. Nós vamos sair, sem que ninguém nos obrigue.

Nem será preciso ameaçar com pistola, como nos fizeram doutra vez os policiais. Disseram que iam furar os pneus dos carros, porque estávamos a fazer «chapa 100». Esses taxeiros estão a fazer é candonga. Não somos nós que até só cobramos quinhentos meticais, quando muito.

A pergunta, se tinham suborna-

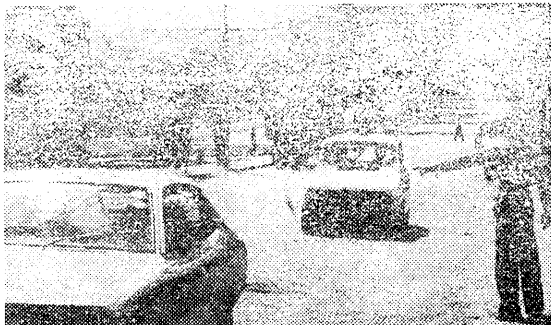
do alguns bagageiros, o grupo todo responde indignado:

— Quem suborna são eles (os taxeiros). Eles até têm policiais a quem dão um x para nos enxotarem daqui.

E assim que cada qual defende o seu pão. As acusações são mútuas e, sempre que chega um voo, seja doméstico ou internacional, os conflitos reberitam, apesar de todos evitarem discussões directas.

Enquanto os motoristas dos «chapa 100» davam azo ao seu descontentamento, um bagageiro do aeroporto chega a correr e pergunta: **então Filomene, não vos deixam trabalhar?**

O interpelado puxa, rapidamente, o bagageiro para um pouco longe e sussura-lhe umas palavras inaudíveis, talvez alertando o bagageiro para o facto de haver jornalistas entre o grupo...



Os parques de estacionamento para táxis foram literalmente invadidos